

gura e forte em relação à terceira Pessoa da SS. Trindade. Dada a missão do Espírito Santo na Igreja de Cristo,—aliás bem saliente em S. João—, podia dizer-se que era o grande desconhecido, até para os melhores católicos. Desconhecido especulativo e mais praticamente. Com o Vaticano II—e já em vários dos seus precursores—, as coisas começaram de enveredar por melhores caminhos. Temos de confessar, porém, que foram os cristãos protestantes os que mais se têm esmerado na ciência e prática, a propósito.

Nem sempre, recta e ortodoxamente? Muito à cata de inspirações particulares?

O que é verdade é que se procura viver e apostolizar. Já não nos referimos só a essas seitas pentecostais, tão espalhadas em toda a América. Sobretudo nos Estados Unidos.

Aqui, depois do Concílio, entraram à porfia os mesmos católicos. Os escritos sobre o Espírito Santo multiplicaram-se sem fim. E a prática intensifica-se em modalidades que vão preocupando o mesmo Episcopado. Excessos de que sairá a recta vivência do Espírito Santo?

Também nesta velha Europa parece reusurgir o interesse vital pelo Espírito Santo. A começar nos irmãos separados.

Temos presente esta obra «Esprit», do *Dictionnaire Biblique* de Ger. Kittel. Mais de erudição bíblica do que valor teológico. Começa por falar do *Pneuma* grego, criador da vida e inspirador, até nas ciências e na filosofia. Depois, o que significa Espírito no V. Testamento e no Judaísmo, em especial no helenístico e palestiniano. Mereceu-nos o maior interesse o significado e valor do Espírito no N. Testamento. E aqui, o A.—Schweizer—agrupa Marcos e Mateus, Lucas e os Actos, as epístolas Paulinas, e S. João. Embora seja uso dizer-se que é S. Lucas o Evangelista do Espírito Santo,—o A. procura concordar e mostrar—, isso não significa que os outros livros do N. T. não abundem na matéria. Assim S. Paulo e S. João.

Como complemento, o mesmo A. estuda os Padres Apostólicos, como eco próximo dos Apóstolos acerca da

pessoa e carismas do Espírito Santo.

*Esprit* é livro compacto, a transbordar erudição. Não leitura amena, como é natural, mas de riqueza inesgotável.—*M. de Faria*

ACHARD, Robert Martin, *Approche des Psaumes*. Vol. de 107 ps. 115×222. Éditions Delachaux et Niestlé s. a. Neuchâtel (Switzerland) 1969.

Trata-se do n.º 60 dos «Cahiers Théologiques», publicados sob a direcção de Jean-Jacques von Allmen, com a colaboração de P. Bonnard, Cl. Bridel, O. Cullmann, K. Barth, etc., etc. Bastam estes quatro nomes apontados para garantir a importância destes cadernos, que forçosamente, têm de ser conhecidos por qualquer actualizado teólogo ou exegeta.

Com a «Acheva sobre os Salmos»—parece ser esta a melhor tradução do título francês—presta o autor um grande e oportuno serviço quer à exegese, quer à liturgia, quer mesmo à mística cristã, nesta hora de transformações actualizantes, pois nelas, sob a pretensão, bem compreensível, de regresso às fontes e à autêntica Mística do Rabbi da Galileia—Mística destinada não a destruir mas a aperfeiçoar a Lei e os profetas—é muitas vezes deturpado o verdadeiro sentido dessas fontes.

Dada a importância predominante do Saltério na vida litúrgica, com a tão acentuada—há quem a julgue excessiva—preferência do uso de salmos no canto eclesial, é de flagrante actualidade o estudo do valor perene dos salmos; neste particular a obra de Achard desde o 1.º artigo, «Calvino e os Salmos» (este caderno compõe-se de 8 artigos publicados pelo autor em diversas Revistas, nomeadamente na «Verbum Caro» de Taizé) é de singular riqueza, contribuindo, em larga escala, para uma salutar eficiência dum autêntico ecumenismo, de harmonia com o Vaticano II.

Merecem ser conhecidas as admiráveis considerações de Calvino sobre a valorização espiritual dos salmos, principalmente no tocante à persona-

lidade de David, como modelo a imitar.

Nestes tempos de ambição e de hedonismo não há pregação mais necessária do que a do espírito de pobreza e de mortificação, valorizando os sofrimentos provenientes dos desastres e das doenças, que, providencialmente, vão atenuando e remediando, ao menos em parte, a tão pagã ideologia: — «Panem et circenses — pão e jogos — de que falam as sátiras de Juvenal, como prelúdio da decadência do Império.

Nos artigos 2 a 5, com um estudo especial sobre o salmo 22 (21 na Vulgata), no artigo 3.º sobre o salmo 38 (37 na Vulgata) encontra-se uma exposição profunda sobre o lugar de relevo, com que aparece, já na espiritualidade do Antigo Testamento, tanto a pobreza como o sofrimento.

A 6.ª dissertação sob o título «O nosso inimigo, a morte» com um breve estudo sobre a ideia da morte no Antigo Testamento e a vitória sobre ela alcançada por Cristo, completa, em certo modo a exposição das 5 anteriores, enquanto que a 7.ª com a análise do salmo 8.º ajuda a dar todo o valor a muitos salmos, como hinos de louvor a Deus e de manifestações comunitárias e jubilosas diante do Senhor. A última dissertação examina os mais recentes estudos de autores protetantes sobre os salmos. — *S. Faria*

BLINZLER, J., GEIST, H., HOFFMANN, LEROY, H., MUSSNER, F., VOSS, G., *Jesus dans les Évangiles*. Coll. Lire la Bible, n.º 29. Vol. de 135×185, 172 ps. Les Éditions du Cerf. Paris 1971.

Trata-se da tradução do original alemão, feita por A. Liefoghe, com prefácio de F. Refoulé.

Este prefácio, embora breve, é uma autêntica introdução a este volume, aludindo nele a elementos válidos de autores como Rénan, Loisy, R. Bultmann, posto que as suas obras, principalmente as dos dois primeiros, tenham sido negativas sob o ponto de vista da autêntica fé cristã. Nas últimas linhas Refoulé resume o argu-

mento fundamental da Obra: — Pelos quatro Evangelhos pode-se caminhar, sem interrupção, do Jesus histórico até à Paixão, até ao Cristo Ressuscitado e anunciado nas principais comunidades cristãs do I Século. Conclue-se assim que a Obra é mais uma resposta, e verdadeiramente oportuna, à pergunta, hoje tantas vezes repetida: — Qual o verdadeiro Cristo histórico?

A resposta a esta candente questão é dada, sobretudo, por Franz Mussner, cuja dissertação ocupa, acertadamente, o primeiro lugar. Este autor sem deixar de aproveitar elementos construtivos da «história das formas» (*Die Formgeschichte*) rebate as conclusões anticientíficas e por isso anti-cristãs, a que chegaram não poucos autores, que pretenderam abrir um fosso entre o Jesus histórico e o Jesus pregado após a verdadeira ou falsificada Ressurreição, pretendendo apoiar-se para essas conclusões, nos próprios Evangelhos.

Dentro da perspectiva da tese de F. Mussner — identidade do Cristo histórico e do Cristo da fé — Paul Hoffmann faz um estudo profundo sobre a origem dos Evangelhos sinópticos, a partir das tradições orais e do célebre documento escrito, ao qual Papas chama «Logia» (*Discursos*), mostrando que não pode haver outro fundamento para essas fontes senão uma realidade histórica.

Seguem-se quatro preciosos estudos sobre os Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João, respectivamente de J. Blinzler, H. Geist, G. Voss e H. Leroy, nos quais se demonstra, cabalmente, que, tendo em vista a finalidade específica de cada um e o respectivo ambiente, em que escreveram, é perfeitamente compreensível a especial perspectiva sobre a qual aparece Jesus de Nazaré, da vida pública, do Calvário, da Ressurreição e da Pregação Apostólica, sem qualquer indício de influência doutrinária, quer do Judaísmo quer de helerismo no apresentar da personalidade histórica de Cristo e da Sua doutrina de salvação.

É claro que, quanto à terminologia, à fraseologia, ao estilo e até quanto a metodologia de exposição não podiam os evangelistas fugir à influência de meio-ambiente, sob pena de não serem compreendidos.